

IMAGEM DISTORCIDA, BORDAS IMPRECISAS, ESPELHO QUEBRADO:

algumas hipóteses sobre a devastação melancólica

Alexandre Magno Teixeira de Carvalho

Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP) e professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF).

RESUMO

O texto discute a melancolia como resultado da dificuldade no processo de trabalho do luto, que se transforma historicamente. A partir do final dos anos 1980, a reestruturação produtiva do capital intensificou a precarização do trabalho e a alienação. O autor destaca que as diversas formas de melancolia não são uniformes, argumentando que a "depressão" contemporânea está intrinsecamente ligada ao contexto histórico do capital, com sua lógica de obsolescência e demanda por performance.

PALAVRAS-CHAVE: MELANCOLIA; LUTO; CAPITALISMO; PSICANÁLISE.

ABSTRACT

The paper discusses melancholy as a result of the difficulty in the the mourning process, which has changed historically. Since the late 1980s, the productive restructuring of capital has intensified the precariousness of work and alienation. The author highlights that the various forms of melancholy are not uniform, arguing that contemporary "depression" is intrinsically linked to the historical context of capital, with its logic of obsolescence and demand for performance.

KEYWORDS: MELANCHOLY; MOURNING; CAPITALISM; PSYCHOANALYSIS.

[...] o sujeito do *inconsciente* não é de todo ahistórico e atemporal, mas modelado por linhas de força que são temporais e históricas [...] o mal-estar como problemática teórica deve ser necessariamente inscrito nas ordens do tempo e da história, nas quais o sujeito se inscreve (Birman, 2019, p. 323).

PRESSUPOSTO

Em *A força da não violência*, Judith Butler (2021) argumenta que as vítimas contemporâneas da violência racista e xenofóbica, de matriz colonizadora, estatal e/ou paraestatal, estão condenadas a viver em uma espécie de “*continuum* de luto”. Quer-se, neste curtíssimo ensaio, esticar um pouco mais a linha do pensamento a pressupor que a melancolia é sempre resultante da dificuldade, da impossibilidade ou da negação do trabalho de luto e que a dimensão histórico-crítica desses fenômenos e processos psíquicos é inelidível e incontornável. Com efeito, desde o advento do conceito hipocrático de melancolia, aquilo que assim chamamos não cessa de se metamorfosear, de mudar de matiz (pintada, repintada, *dégradé*) e de tom (afinada, desafinada, nota *blue*), de acordo com o tempo e o lugar, relações sociais de produção, raça e gênero. A partir do final da década de 1980, se dá uma violenta reestruturação produtiva do capital, com fragmentação/heterogeneização da classe trabalhadora e globalização da precarização do trabalho. Mészáros (2003), no finalzinho do século XX, apontou, de forma contundente e sinóptica, os perigos a se enfrentar na atual fase do “imperialismo hegemônico global”: destruição ecológica generalizada, genocídios, desemprego estrutural, abolição da solidariedade de classe e consequente perda dos sentidos e significados humanos e sociais. Na segunda década do XXI, a reificação, a alienação e a obsolescência próprias desse processo foram alçadas à máxima potência. Seria essa a base (real) que sustenta a emersão da categoria depressão na superfície do discurso psiquiátrico e a permite “desbancar”, graças à sua *neo-especificidade*, os sentidos (e o não-sentido) da categoria melancolia?

HIPÓTESE 1

A melancolia moderna é, antes, uma melancolia europeia que se instaura diante da impossibilidade de trabalho de luto do camponês forçado à transição de modo de produção e, indissociavelmente, de andar a vida. Embora servil e alienado, dispunha de um pedaço de chão para pisar e plantar e de um teto a protege-lo das chuvas. O luto pela perda da condição de fixidez e de sua aparente estabilidade talvez tenha sido imediatamente interrompido e substituído por uma euforia (em tradução psicopatológica psiquiátrica clássica, hipomaníaca) de “liberdade”¹. Todavia, descobrir-se presa de uma nova fixidez exploratória e refém de um admirável mundo novo urbano, lugar de um radical desamparo, deve ter sido desolador para o proletário nascente (lembrando que a categoria ‘força de trabalho’ é uma mercadoria que nasce, sobretudo, da mão de obra camponesa). A ambivalência está lá, posto que não reconhecida. A melancolia moderna, pois, é melancolia do sistema do capital. O sistema do capital inaugura uma nova forma de patologia narcísica. Lembrando Freud (2018, p. 107), “a perda do objeto se transformou em uma perda do Eu”.

O cogito cartesiano é, de certa forma, uma ilusão da ordem do imaginário. A imagem que se forma no espelho de Descartes é semelhante à da bruxa que se pergunta: “Espelho, espelho meu, há no mundo alguém mais bela do que eu?”. A resposta verdadeira sempre esteve lá, no fundo do espelho, negada pela velha má, a ordem que deixava de ser enquanto abria passagem à nova ordem burguesa, nascida velha no instante mesmo em que recusa o ato revolucionário potencialmente emancipador. A máxima cartesiana, seu átomo de certeza², não passa de uma imagem idealizada sem assento ou correspondência no Real; uma imagem que elide o massacre do processo colonizador das Américas, que sempre esteve lá, recalcado na imagem refletida, desde o início da modernidade estampado nas velas dos navios e, ao mesmo tempo, anuviado pela figuração do Renascimento. A melancolia europeia moderna é um fruto bilioso das navegações e da negação do trabalho de luto necessário. O proletário – ex-camponês e, com o processo de subsunção real do trabalho ao capital, ex-artesão –, tal qual o melancólico, não pode saber o que perdeu, tampouco desejar. Essa melancolia, obviamente, não era a melancolia da alta burguesia, nem a melancolia dos cafés, ainda

1
Liberdade, palavra tão maltratada e vilipendiada, mal mascada nas bocas escancaradas de seus algozes e suas ultra-neoliberais falácias.

2
Ego cogito, ergo sum. Segundo Pöpelmann (2010), Descartes inicialmente formula seu cogito em francês, “Je pense, donc je suis” no *Discurso do método*, de 1637. Em *Princípios da Filosofia*, de 1644, o escreve em latim, como acima, para logo depois suprimir justamente o “Ego”.

3

Em carta datada de 29 de fevereiro de 1940, Adorno diz a Benjamin: “Penso que não exagero se disser que esse trabalho é o mais *acabado* que publicou” (grifo meu). Parece que Adorno, universitário e mestre, quase deixou escapar que era justamente o *inacabado* sintoma, beleza e marca de Benjamin. Todavia, na mesma carta, mais adiante, se contradiz: “Estou convencido de que as nossas melhores ideias são sempre aquelas que não podemos pensar até o fim. Nesse sentido, o conceito de aura parece-me não estar ainda ‘pensado até o fim’. Pode-se discutir se deverá ou não ser pensado até o fim” (Benjamin, 2024, p. 290-291). Quase sete meses depois, nesse 1940 bissexto, Benjamin chega ao limite da fronteira (ou à fronteira do limite) e atravessa o ponto do sem retorno. “Por fim acuado numa fronteira intransponível / Você transpôs a que pareceu transponível”, escreveria Brecht (2012, p. 279), em versos, pouco depois. O que se pode pensar e ser pensado até o fim?

4

A memorável crítica de Benjamin à “tentativa de fazer parecer menos escandalosa a mais profunda miséria, ao classificá-la de forma limpa” (1937-40: 21), própria de uma estrutura discursiva perversa, remete ao “orçamento de um trapeiro”, tratado por Benjamin como um documento social.

que nestas, *apesar* da negação da bruxa, estivesse sempre lá, irremediavelmente, ainda que não percebido, o outro lado da moeda-imagem do alienado. Contudo, dessa perda simbólica não escapa, *apesar* da festa, o pequeno-burguês, e, no limite do sentido da dialética do senhor e do escravo, o próprio capitalista: o alienador também (se) estranha, *apesar* do gozo de que dispõe.

Walter Benjamin, acochado por “acabar” o seu Baudelaire³ e talvez já sentindo a aura da guerra, de uma Vichy que pairava no ar e uma angústia de fronteira ou fronteira da angústia, nos lembrava que, em meados do século XIX, quando o lixo passou a ter certo valor devido a novos processos industriais, os trapeiros começaram a aparecer em grande número nas cidades:

O trapeiro fascinou a sua época. Os olhares dos primeiros investigadores do pauperismo recaíam sobre ele com a pergunta muda: até onde irão os limites da miséria humana? (Benjamin, 2024, p. 21).⁴

Mas, para os trabalhadores, o que estava dado era a impossibilidade do trabalho de luto e de se olhar no espelho e ver o processo de subsunção formal e real do trabalho ao capital a carcomê-los. Inicialmente formal e depois real, o processo de subsunção do trabalho ao capital refletia no espelho da classe trabalhadora (ainda que não organizada em classe, ainda que somente “em si”) uma imagem distorcida, como se a superfície refletora fosse de baixa qualidade, voltada sobre si mesma, regredida, de bordas imprecisas, incapaz de refletir os raios da relação social de produção, incapaz de refletir a alienação (*Entäusserung*), incapaz de refletir a exploração e a precarização do trabalho humano, mas capaz de refletir, ao menos, estranhamento (*Entfremdung*). Marx e Engels (2010) sacodem o espelho, alisam sua face refletora, propõem aos trabalhadores um trabalho de luto como trabalho concreto, desalienado; um trabalho de luto que lhes permitisse sair de sua condição melancólica.

HIPÓTESE 2

Não podemos, no momento, fazer uma análise e uma genealogia exaustivas de todas as formas da melancolia na geografia e na história, mas podemos conceber que a melancolia

do proletariado nascente não era a mesma do burguês, tampouco a do boêmio, ou da mulher oitocentista, e, menos ainda, o banzo banto e, ainda menos, o que atualmente se chama de “depressão”. Precisa-se de tempo (mais e melhores, parafraseando Spike Lee) para se estudar e explorar essas transformações da melancolia na história sem perder de vista o fio e a agulha da perda, negação ou ausência de possibilidade do trabalho de luto que subjaz a toda formação melancólica e/ou, em linguagem contemporânea alienada e alienante, depressiva.

Será o que se chama hoje de depressão o que Freud denominou melancolia no texto de 1917? Talvez possamos pensar o “sofrer depressivo” como uma formação sócio histórica, complicada e atual, com sua diversidade de expressões e singularidades, que se relaciona a vivências traumáticas, de luto inconcluso ou impossível e/ou catastróficas. Isso inclui perdas concretas e simbólicas; separações; mortes; desemprego; aperto financeiro e dificuldades de subsistência; violência racista, de gênero, homo e transfóbica; opressões político-econômicas e guerras civis de toda ordem. O que chamamos atualmente de depressão não pode ser pensado fora da ordem e do tempo histórico do capital, com seu valor de troca socialmente onipresente, sua lógica da obsolescência programada e disseminada e sua inalcançável demanda de “performance” continuada. Se assim o fizermos, talvez possamos abrir mão do termo “depressão”, já tão contaminado pela teoria etiológica do “desequilíbrio químico”⁵ e apropriado pelas práticas da psiquiatria industrial farmacêutica contemporânea – essa “*psiquiatrização* do sofrimento pelos psicofármacos” (Birman, 2014, 88) – e repensar a atualidade do conceito de “melancolia” – sempre lembrando que o conceito cabe no objeto, mas o objeto não se encerra no conceito, assim como o simbólico cabe no real, mas o real não se encerra no simbólico (Carvalho, 2005).

Contemporaneamente, alguns quadros de depressão são tão atípicos que Julia Kristeva, com justeza, os inseriu no rol das por ela denominadas “novas doenças da alma” (Kristeva, 2002). Esses quadros tangenciam o que Green (2017) chamaria de “casos-limite” (*cas-limites*) e a literatura psiquiátrica de *borderline*. Há um certo consenso de que as relações de objeto, as pulsões do outro, têm um peso decisivo nos casos-limite. Estiquemos a corda: para além das perspectivas conflitivas pulsionais do sujeito e do outro, porém sem abandoná-las, os

5

Apesar de um estudo robusto de revisão realizado na University College London e publicado na *Molecular Psychiatry* em julho de 2022 ter constatado a ausência de evidências convincentes de que a causa da “depressão” seja a depleção serotoninérgica (Cf. Moncrieff; Horowitz, 2022). Contudo, é preciso demarcar, há um bom número de psiquiatras críticos (não hegemônicos, diga-se de passagem) que, acompanhando esse e outros estudos semelhantes, recusam a hipótese etiológica exclusivamente monoaminérgica. Muitos são clínicos e/ou pesquisadores na Fiocruz, na USP, na Unicamp etc.

condicionamentos do Outro. Cada vez mais, as subjetividades são marcadas por cisões (na concretude do corpo, alguns praticam o *cutting*, algo rigorosamente contemporâneo) e buracos traumáticos. Como nos lembra Birman, é o traumático que delinea o mal-estar na contemporaneidade: “É o *trauma* que está sempre em questão, num mundo marcado pela imprevisibilidade e pela instabilidade dos códigos simbólicos” (Birman, 2014, p. 104). No mundo (ultra) neoliberal, cada vez mais, os sujeitos se estruturam “como podem”, aos trancos e barrancos (pode-se até tomar essa expressão metafórica em sentido literal). Nesse processo, social e historicamente condicionado (e, dependendo do tempo e do lugar, determinado), onde outrora reinava a neurose, impera a pulverização do sujeito. Espelho quebrado. O sujeito se fragmenta da mesma forma que o capital (Outro) se fragmenta e provoca a heterogeneização e o estilhaçamento da classe trabalhadora. O sujeito tenta juntar os cacos. Cola-os como pode. Remenda-se, mas deixa muitas fendas e buracos por onde pode vazar a pulsão ou entrar a agressão, o abuso, a exploração. Fragilizado em si mesmo, despossuído, sem amparo comunitário ou social, o sujeito se sente despedaçado, incapaz de conter a pulsão que vaza (não é descarga) e de deter a agressão externa (até mesmo de reconhecê-la).

6

Pegando o gancho Atlântico, Joel Birman evoca uma imagem difícil e tão próxima: “*Stultifera navis* contemporânea dos refugiados”.

7

O nome próprio Dédalo virou substantivo, dédalo, sinônimo de labirinto.

8

Em língua portuguesa, as coisas “caem em” desuso e as pessoas “caem em” depressão. Por efeito de um processo de reificação ampliada que está na base de toda alienação e esquecimento, coisas e pessoas se equivalem.

A pessoa do imigrante escorraçado, do estrangeiro ultrajado, desalentado⁶, fenômeno social trágico e traumático da contemporaneidade ultra neoliberal e neofascista, representa bem o que se tenta aqui abordar. Metaforicamente, diríamos que os sujeitos (ou forças somatopsíquicas) sofrem o labirinto, *no* labirinto – e, do ponto de vista neuropsíquico, concreto, *do* labirinto. Lembremos que o labirinto foi construído por Dédalo, um arquiteto, trabalhador, a serviço do rei Minos, o recalca-dor que não sabe o que fazer com o tesão de Pasífae e enclausura Dédalo no interior da própria construção, dédalo⁷, com seu filho Ícaro. Se não podem ver as coisas mais do alto, se não podem voar, se lhes são negadas asas ou se as asas queimam e não podem ser usadas (no sentido do valor de uso), caem. Caem, vertiginosamente, como Ícaro, em depressão⁸.

No Brasil, quando se fala em decolonialidade, está se falando, sempre, de diáspora; uma tentativa de juntar os cacos que foram diabolicamente (*dia-bállein*) espalhados ao longo de um tempo histórico que já se estende para mais de meio milênio.

Dia-bólico provém de *dia-bállein*. Literalmente significa: lançar coisas para longe [...]. Dia-bólico [...] é tudo o que desconcerta, desune, separa e opõe [...]. O sim-bólico (*syn-bállein*) se refaz e se reestrutura continuamente na medida em que se confronta, integra e eleva a níveis mais altos o dia-bólico que carrega sempre dentro de si (Boff, 1998, p. 11-23).

Pensando-se na etimologia das palavras simbólico e diabólico e na relação dialética e histórica entre elas, conforme proposto por Boff (1998), toda repressão política é diabólica, porém não se pretende dialética: sempre separa, ou tenta separar, arremessar em direções opostas, a classe trabalhadora. No império do capital (Wood, 2014), a imagem mais clara é o movimento das tropas de choque se arremessando contra manifestantes anticapitalistas e usando de todas as armas disponíveis para, como dizem, “dispersá-los”. Percebe-se facilmente o caráter não dialético desse “diabolismo” do capital: nas ações repressivas policiais-militares, não há nenhuma intenção ou movimento de contradição pela superação (suprasunção/*Aufhebung*), mas tão somente dispersão, contenção, anulação e, nem tão no limite, aniquilamento. Dependendo da intensidade, a repressão poderá ter efeitos devastadores, em escala, do indivíduo até populações inteiras (genocídio): é o ponto da falta de ar, do sufocamento, ponto em que repressão equivale a opressão de classe. É importante deixar claro: não se fala de opressão num sentido genérico, abstrato, mas na opressão histórica, isto é, a opressão que somente obtém sentido quando pensada como fenômeno histórico (psicossocial e político) no interior da luta de classes (Marx, 2010). Nessa relação, a classe dominante também se degrada do ponto de vista humano. Toda repressão operada socialmente e todo recalçamento (dimensão do sujeito) engendram reações simbólicas que agem como força de criação em busca de um lugar possível, ainda que mínimo, de realização (uma expressão da dialética histórica da ação-reação em relações de dominação).

9

Aparelhos estatais, conglomerados empresariais, religiões monoteístas, agências de marketing e seus meios de produção da comunicação social: TV, streaming, imprensa, redes sociais etc.

No tempo, com o movimento da história, sempre há novas ações simbólicas que visam superar os efeitos da opressão. Nem sempre os movimentos têm, no início, essa clareza histórica. O que a história tem mostrado é que – para *des-graça* humana – a classe dominante sempre reage, de forma reacionária, intensa, pontual e/ou extensamente. A ação das máquinas produtoras de ideologia dominante⁹ na produção desejante é sempre, ao mesmo tempo, negativa e positiva (Foucault,

1990), repressiva e moduladora, impositiva e, a longo prazo, devastadora - apesar e sobretudo de sua face aparentemente "inofensiva", "produtora", "estimuladora" (não somente do consumo, mas de formas de pensar e sentir e de se relacionar com outros seres humanos sempre na lógica pragmática, reificante, hierarquizada e subordinadora do capital). A expressão mais irônica disso está em Deleuze (1992, p. 226): "as alegrias do marketing".

Toda repressão tem sido, na história, uma ação (de caráter não-dialético) contrária à ação simbólica, uma tentativa de impedi-la à força; uma ação contrária a toda elaboração simbólica, contrária ao trabalho de luto, esse longo processo de sepultamento simbólico. Será a classe trabalhadora, atualmente estilhaçada, capaz de, representando o polo antitético simbólico imaginado por Boff, reativar, reinserir, recolocar a dialética na história visando uma síntese real, a síntese que expressará a concretização da "emancipação humana universal" (Marx, 2010, p. 154)? O Brasil colonial e escravocrata pode, "oficialmente", ter terminado, respectivamente, em 1822 e em 1888. Entretanto, as agruras do aviltante processo colonizador escravocrata permanecem entranhadas no campo social: não somente no imaginário social, não somente reificadas no apagamento de uma memória social igualmente esfacelada, mas, sobretudo, nos corpos de homens e mulheres que, para sobreviver¹⁰, precisam vender a sua força de trabalho num mercado sórdido e que resistem, não esquecem e insistem em re(a)presentar (imaginar, simbolizar, tornar real) povos originários de América e imigrantes de África - e, metonimicamente, de Gaza.

Esticando ainda mais a corda: já que falamos em valor, pensemos: não há sujeito sem outro; não há subjetividade fora da intersubjetividade; toda subjetivação é sempre intersubjetivação. Na sociedade do capital, valores são produzidos, circulados e consumidos. Produzir, circular e consumir são igualmente valores e práticas que, aceleradas aos limites da plus-valorização paroxística do capital, barram o trabalho psíquico concreto de recordar e elaborar e impõem a repetição como norma. Valores são transmitidos socialmente. A subjetivação que predomina é a produzida pela classe dominante. Os dominados (a despeito de não perceberem a dominação) a fazem circular e a consomem avidamente, sobretudo por meio das redes sociais. A classe dominante goza e consome as subjetividades dominadas, assim como o capitalista con-

10

"Sobreviver", palavra ambivalente, opressiva e estertorante, própria de uma ordem, parafraseando Antônio Bispo dos Santos, colonialista e "eurocristã monoteísta". Bispo propõe um "modo de vida" contra-colonial (Santos, 2023, p. 41-45).

some a mercadoria força de trabalho. Para o capitalista, as subjetividades têm o mesmo valor da força de trabalho: são mercadorias que, ao serem consumidas, geram mais-valor. Numa sociedade em que os valores soberanos são o de troca, a mais-valia e o financeiro (a produção abstrata de mais-valor elevada à máxima potência), serão esses que estarão na base e no meio circulante da intersubjetivação e das subjetividades.

Já que falamos de valores, alguns dirão que precisamos de novos valores. Será? Não serão eles potencialmente tão capitalizáveis quanto os valores soberanos do capital? O próprio significante “valor” já designa/nomeia um processo histórico que subordina tudo o que é humano e vivo à condição de valor de troca: na ordem do capital, tudo o que é humano é passível de reificação, esquecimento e alienação. Os significantes que são agregados ao significante valor a título de resistência não fazem sequer cócegas simbólicas no sintagma “valor de troca”, sejam eles “humanos” ou “sociais”.

HIPÓTESE-PROPOSTA

Talvez precisemos implodir o significante valor. Nessa implosão, todos os demais valores que orbitam o sintagma valor de troca, a despeito de aparentemente bons ou explicitamente maus, decairiam. Depois, seria necessário dar destino aos escombros e talvez o melhor destino seja a exposição, para que não esqueçamos, e a ex-posição. Isso, obviamente, não resolve a problemática da opressão que subjaz a toda melancolização, mas ajuda a subjetivar e a abrir algumas veredas para o que, pensa-se, talvez se possa chamar, para além do radical “inter”, *trans-subjetivações*.

Quiçá essa crítica radical do significante valor ajudasse a abrir uma “linha de fuga”, ponto de encontro das paralelas no *in*-possível; afinal, “a arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (Deleuze, 1992, p. 215) e a subjetivação é uma operação artística; ao menos um brecha simbólica – uma fissura linguística, musical, que seja – por onde pudesse vir a passar o trabalho de luto necessário que tanto insistimos em adiar ou negar, a fim de liberar a experiência [*Erfahrung*] (Benjamin, 2016; Id., 2019) do deslocamento metonímico do valor que a aprisiona no aqui e agora de um

presente sem passado, num tempo reduzido ao instante, sem duração, e poder vislumbrar uma perspectiva de futuro. Tempo, história, memória social, outras linguagens, outras figuras de pensamento e linguagem, outra praxis, “*macumba rara*”, como se diz na Círculo de Giz. “*Oxalá*” deveria ter sido escrito ao invés de “*quicá*”? Quem sabe?

REFERÊNCIAS

- Benjamin, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. [1937-1940]. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.
- Benjamin, Walter. Experiência e pobreza. [1933]. In: *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- Benjamin, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. [1918]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- Birman, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- Birman, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- Boff, Leonardo. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Brecht, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: 34, 2012.
- Butler, Judith. *A força da não violência: ensaios sobre Ética e Política*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- Carvalho, Alexandre M. T de. O sujeito nas encruzilhadas da Saúde: um discurso sobre o processo de construção de sentido e de conhecimento sobre sofrimento difuso e realização do ser no âmbito das religiões afro-brasileiras e sua importância para o campo da Saúde Coletiva. *Tese de doutorado em Saúde Pública*, ENSP/Fiocruz, 2005.
- Deleuze, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- Foucault, Michel. Verdade e poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- Freud, Sigmund. Luto e melancolia. [1917]. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- Green, André. *A loucura privada: psicanálise dos casos-limite*. São Paulo: Escuta, 2017.

Kristeva, Julia. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Marx, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: *Manuscritos econômico-filosóficos*. [1844]. São Paulo: Boitempo, 2010.

Marx, Karl & Engels, Frederic. *Manifesto comunista*. [1848]. São Paulo: Boitempo, 2010.

Mészáros, István. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003.

Moncrieff, Joanna; Horowitz, Mark et al. The serotonin theory of depression: a systematic umbrella review of the evidence. *Molecular Psychiatry*, 2022.

Pöpelmann, Christa. *Dicionário da língua morta: a origem de máximas e expressões em latim*. São Paulo: Escala, 2010.

Santos, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Wood, Ellen. *O império do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.